



CUIDAR

Cultures of Disaster Resilience
among children and young people

Referencial Europeu para Gestão de Catástrofes Centrado nas Crianças

Produzido pelo projeto europeu H2020 CUIDAR Culturas de Resiliência à Catástrofe entre Crianças e Jovens

www.lancaster.ac.uk/cuidar



Medidas de mitigação das ondas de calor propostas por crianças portuguesas

Se queremos trabalhar com crianças e jovens, temos que aceitar os seus ritmos e abordagens... Nós, adultos, temos que aceitar as nossas próprias limitações e reconhecer a capacidade dos jovens para construir, para serem cidadãos plenos.

(Delegado do Fórum Espanhol de Prevenção e Segurança Urbana)

Índice

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| Introdução..... | 4 |
| Objetivos do CUIDAR..... | 6 |
| O Referencial: um conjunto de etapas para as políticas e práticas necessárias para a construção de planos de gestão de catástrofe centrados na criança. | 6 |
| Questionar os imaginários e preconceitos adultos sobre a infância..... | 8 |
| Criar formas de participação "boas" e "de elevada qualidade" para aumentar as oportunidades para que as vozes das crianças serem ouvidas e para criar mudança..... | 10 |
| Inspirar a operacionalização da Convenção sobre os Direitos da Criança através de exemplos e ferramentas para a participação | 12 |
| Criar oportunidades para intercâmbio intergeracional e para a partilha de memórias da comunidade sobre catástrofe..... | 14 |
| Comunicar e explicar os riscos com cuidado e em detalhe às crianças e jovens..... | 16 |
| Construir e apoiar-se em redes de “aliados” de crianças mais diversificadas | 18 |
| Reconhecer a necessidade de trabalhar com emoções (por exemplo, medo e ansiedade) experienciadas antes, durante e depois de catástrofes com crianças e jovens..... | 21 |
| Reconhecer que as crianças e jovens podem sentir-se vulneráveis em espaços públicos..... | 23 |
| Mensagens-chave..... | 26 |
| Nota sobre ética | 27 |
| Referências..... | 27 |



Horizon 2020
Programme

Este projeto foi financiado pelo Programa H2020 da Comissão Europeia (Grant Agreement 653753). O conteúdo deste relatório não reflete a opinião oficial da União Europeia nem dos seus Estados-Membros. A responsabilidade pelas informações e opiniões expressas neste relatório recai inteiramente sobre os seus autores.

Introdução

Na fase final do nosso projeto Horizonte 2020 “Culturas de Resiliência à Catástrofe entre Crianças e Jovens” (CUIDAR), um dos resultados mais merecedores de reflexão tem sido que as perspectivas e as contribuições dos mais jovens continuam a ser esquecidas no âmbito da política e da prática da gestão de risco de catástrofe. No entanto, estes têm muito a contribuir, como aqui evidenciaremos.

Através do CUIDAR (uma Ação de Coordenação e Suporte financiada pelo Horizonte 2020) e do nosso envolvimento prático com crianças, jovens e agentes de gestão de risco de catástrofes, procurámos encontrar formas de responder a este problema. O CUIDAR partiu da premissa de que as crianças e os jovens têm o direito a serem ouvidas sobre os assuntos que as afetam, nos termos do artigo 12º da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (CDC, 1989).

Preocupa-nos que a consciência deste direito entre os agentes na redução e gestão do risco de catástrofe permaneça baixa. Explorámos uma série de riscos específicos identificados por grupos de crianças e jovens na Grécia, Itália, Portugal, Espanha e Reino Unido, a fim de compreender o papel que estas desempenham, ou poderiam desempenhar, ao lidar com esses riscos. Partindo do que estes descobriram e partilharam connosco, construímos um referencial para a gestão do risco de catástrofe centrado nas crianças, que aqui apresentamos. Aprendemos muito sobre a forma como as crianças e jovens veem o risco, sobre o que precisam para os ajudarmos tornarem-se resilientes, sobre a forma como os planos de gestão de risco de catástrofe centrados nos adultos deveriam mudar e sobre como as autoridades deveriam ouvi-los.

No CUIDAR, trabalhamos com dois conceitos de "cultura". Primeiro, considerámos as próprias crianças com uma cultura específica, em virtude de serem um grupo marginalizado nas questões do planeamento de emergência, o que faz com que tenham uma perspectiva particular sobre as catástrofes. Em segundo lugar, o próprio conceito de "infância" é em si mesmo muitas vezes universalizado, embora as crianças incorporem a diversidade e diferenças culturais encontradas na sociedade como um todo.

Durante o decurso do projeto CUIDAR, assistimos a grandes desastres naturais na Europa, incluindo os terremotos na Itália Central, onde se perderam várias vidas em Amatrice; o incêndio traumático da Torre Grenfell

no oeste de Londres; os devastadores incêndios florestais em Portugal; e as inundações repentinas e mortais nos arredores de Atenas. Todos estes eventos tiveram como pano de fundo a crise migratória associada à guerra e às alterações climáticas e a chegada de um grande número de refugiados à Europa.

Acreditamos que este Referencial será um contributo positivo e construtivo, tanto para a o programa Sociedades Seguras da Comissão Europeia, como para o domínio da gestão de catástrofes e redução de riscos em geral. A sua resposta a este referencial é muito importante para o CUIDAR e para as comunidades com as quais interagimos, e vital para a criação de planos de gestão de catástrofe culturalmente sensíveis numa Europa em mudança e cada vez mais diversificada.



Crianças investigam o risco de fogos florestais em Salónica, Grécia

Objetivos do CUIDAR

Objetivo geral

Aumentar a resiliência das crianças, jovens e sociedades urbanas às catástrofes e permitir que os decisores políticos e os profissionais que trabalham na área das catástrofes, planeamento de emergência e redução de riscos vão ao encontro das necessidades das crianças e jovens de forma mais eficaz.

Objetivos específicos

- Compreender melhor as perceções de risco e as necessidades e capacidades das crianças e jovens em situações de catástrofe em contexto urbano.
- Aumentar a sensibilização e o conhecimento dos profissionais de resposta a emergências e dos decisores políticos sobre as necessidades de crianças e jovens em situação de catástrofe.
 - Facilitar a comunicação entre profissionais de proteção civil e crianças e jovens em contexto urbano.
- Melhorar a estrutura de gestão de catástrofes, as políticas e as práticas, de forma a integrar as necessidades específicas de crianças e jovens em situações de catástrofe urbana.

O Referencial: um conjunto de etapas para as políticas e práticas necessárias para a construção de planos de gestão de catástrofe centrados na criança.

O CUIDAR defende que uma redução bem-sucedida do risco exige que os adultos se dirijam ativamente às crianças e jovens, garantindo que estas são ouvidas no processo de planeamento de emergência. Isso inclui as fases de preparação, resposta, reconstrução e recuperação.

Como fazê-lo? O referencial tem três momentos:

VER: Filme Internacional do CUIDAR “Transformar o Planeamento de Catástrofes - uma abordagem centrada na criança”.

APRENDER: Este relatório.

AGIR: A vossa resposta ao nosso evento final e através do uso dos recursos e ferramentas disponíveis do nosso site.

Identificámos os seguintes passos práticos necessários para construir um referencial de gestão de catástrofes centrado na criança. Cada um destes passos está diretamente relacionado com as nossas interações com crianças e jovens nos países parceiros. Quer criem novos planos ou revejam planos já existentes, estes passos, se seguidos, resultarão em planos inclusivos, culturalmente sensíveis, para as fases antes, durante e após as catástrofes.

Referencial CUIDAR para construção de planos de gestão de catástrofe centrados na criança



Questionar os imaginários e preconceitos adultos sobre a infância

O CUIDAR começou por recolher informação sobre o tema da gestão de risco de catástrofe, para estabelecer a base para um trabalho prático subsequente com crianças e *stakeholders*. Precisávamos de saber:

- Que programas de redução de riscos de catástrofe e construção de resiliência dirigidos a crianças e jovens em contextos urbanos existem atualmente?
- Qual é o papel dos diferentes atores, desde a proteção civil às escolas e organizações da sociedade civil, na conceção ou implementação destes programas para crianças e jovens?
- De que forma estão as crianças e jovens envolvidos na gestão de catástrofes e em que medida participam?
- Que assunções são feitas sobre crianças e jovens na gestão de catástrofes? São tidas em conta questões relacionadas com culturas de deficiência, classe social, desigualdades, género, etnia e marginalização e, em caso afirmativo, como são entendidas?

Esta [Revisão de Informação](#) analisou três tipos principais de fontes:

- 1) Políticas, práticas e programas relacionados com o envolvimento das crianças na gestão de catástrofe em cada país parceiro;
- 2) Projetos financiados pela UE e por entidades nacionais;
- 3) Literatura científica

A nossa revisão completa abrange as três áreas. No entanto, em relação ao envolvimento e participação, descobrimos muito poucas provas de que as crianças participem de forma significativa em situações de gestão de emergências ou em iniciativas de resiliência comunitária nos países parceiros.

Apenas 20% das ações, programas e planos destinados a crianças e jovens implicam uma partilha da tomada de decisão com os jovens iniciada por adultos ou foram conduzidos e iniciados por crianças ou jovens.

Portanto, apenas 20% destes programas pode ser considerado participativo, de acordo com a escada da participação de Hart (Hart 1992; Hart e Schwab, 1997). Foi com esta informação em mente que começámos o nosso trabalho de campo.

O que parece inibir a participação de crianças e jovens nesta área são o designamos imaginários ou preconceitos dos adultos sobre a infância: por exemplo, o facto de as crianças e jovens serem representados como um grupo homogéneo, passivo e intrinsecamente vulnerável.

A discriminação etária também está presente na ideia de que existem questões ou tópicos que não devem ser discutidos com crianças, porque são difíceis, prejudiciais ou complicados. As catástrofes podem ser facilmente consideradas um tópico perturbador, ou um assunto que não é particularmente atraente ou interessante para as crianças. O CUIDAR desafia claramente estas perceções, tornando-as visíveis, e, através do nosso Referencial, transforma-as em questões de debate e preocupação política, especialmente para os profissionais que trabalham no campo.

Encontrámos exemplos da agência de crianças e jovens em situação de catástrofe, ecoando as conclusões de Fothergill e Peek após o furacão Katrina (2015). Os decisores políticos e os profissionais da área podem usar esses exemplos e identificar outros casos. O nosso trabalho evidencia que idade, género, educação, deficiência, geografia ou cultura moldam as maneiras pelas quais crianças e jovens podem participar antes, durante e depois de catástrofes e emergências. O CUIDAR descobriu que as crianças e os jovens se interessam por catástrofes e que, porque esses tópicos são considerados impróprios para crianças, tornam-se ainda mais importantes para elas. Demonstrámos que é possível falar sobre tais questões com crianças e jovens, se nos adaptarmos à sua idade, interesse e ritmos, e se criarmos as condições para que façam perguntas sobre o que consideram relevante -- ou seja, adotando uma abordagem direcionada pelas crianças.

Estes diálogos são muito relevantes para potenciais aliados importantes no campo da redução de riscos e prevenção de catástrofes, tais como programas de notícias como o BBC Newsround¹ no Reino Unido e o InfoK3² da TV3 na Catalunha. No entanto, é essencial estar ciente das questões éticas aqui implicadas (veja a Nota sobre Ética abaixo).

As crianças e os jovens são agentes de mudança e deveria ser-lhes dado espaço e ferramentas para contribuir para a redução do risco de catástrofes, de acordo com a legislação, com as práticas nacionais e com os currículos educacionais.

(Quadro de Sendai para a Redução do Risco de Catástrofe, 2015-2030)

¹ www.bbc.co.uk/newsround

² www.ccma.cat/tv3/super3/infok

Criar formas de participação "boas" e "de elevada qualidade" para aumentar as oportunidades para que as vozes das crianças serem ouvidas e para criar mudança

A participação e o envolvimento genuínos requerem tempo e esforço. A escada de participação de Hart (1992) inicia-se, no degrau mais baixo, com a 'manipulação' e termina com 'decisões partilhadas com adultos e iniciadas pela criança' no nível mais alto. O CUIDAR defende a criação de participação "boa" e de "elevada qualidade" (os dois degraus superiores da escada). Isto significa começar por abordar tópicos que as próprias crianças identificam. Mas também significa fomentar o reconhecimento. Como alguns dos *stakeholders* no CUIDAR notaram, não é "tentar apanhar a onda" das crianças e jovens" ou "falar a língua deles". O reconhecimento é um processo muito mais complexo e difícil, onde cada um é visto como membro de uma comunidade, com ligações e compromissos derivados dessa pertença, e com capacidade de participar como igual na sua vida comum. Como ficou claro na maior parte do *feedback* dado pelas crianças, quanto mais trabalhamos para criar um espaço de reconhecimento, mais estas apreciam e se envolvem no processo participativo.

O CUIDAR trabalhou com 552 crianças e jovens com idades compreendidas entre 6 e 18 anos em 5 países.

O reconhecimento também significa ser sensível e atender às diferenças, à diversidade das infâncias, às preocupações e formas de comunicação das crianças e jovens. A participação significa estar aberto a diferentes formas de conhecimento (por exemplo, tácito, experiencial e explícito), não descartando formas leigas de saber em favor do conhecimento especializado. Isto é particularmente importante no campo das catástrofes, onde o conhecimento especializado é tão dominante.

Para a nossa consulta com crianças, realizámos uma série de workshops concebidos especificamente para o efeito: [Diálogos com Crianças](#), que envolveram um total de 552 crianças e jovens dos 6 aos 18 anos, nos cinco países CUIDAR. Todos os grupos foram equilibrados em termos de género,

com a exceção de Itália, onde os participantes dos workshops foram principalmente do sexo feminino³.

Trabalhámos com crianças de diversas origens e contextos, interagindo com elas de maneira significativa, ao longo do tempo. Os participantes refletiam um vasto leque de circunstâncias culturais e socioeconómicas, sendo provenientes de áreas com altos e baixos níveis de privação e exclusão social, zonas urbanas, costeiras e rurais. Os nossos grupos incluíram crianças de comunidades de minorias étnicas e alguns, crianças migrantes.

Na Grécia, os workshops também incluíram crianças com deficiências auditivas e visuais. Reparamos que, se por um lado as crianças em geral são excluídas dos processos de gestão de catástrofe e dos planos de emergência, existem culturas de exclusão adicionais: género, níveis e acesso à educação, urbano e rural, refugiados, crianças que não frequentam a escola, crianças de rua e outras.

As orientações detalhadas para a criação destes workshops foram elaboradas pela Save the Children Italy para uso de todos os parceiros e estão disponíveis como parte do relatório Diálogos com Crianças. Estas cobrem todos os aspetos sobre como criar ambientes propícios a que as crianças sejam ouvidas e indicações detalhadas sobre formas de interação não ameaçadoras, que dão oportunidade a que as crianças se informem e ganhem confiança na sua capacidade de articular preocupações.

A abordagem por módulos do CUIDAR (começando com os direitos das crianças, trabalhando com grupos de jovens ao longo do tempo, facilitando a aprendizagem envolvente e amiga das crianças e a sua tomada de ação) teve um impacto mais significativo do que abordagens tradicionais de 'transmissão', em que as informações ou instruções são entregues às crianças como 'sensibilização'. Descobrimos que os métodos 'não tradicionais' funcionam melhor; como por exemplo, realizando visitas ao campo, envolvendo membros da comunidade, fazendo jogos, modelagem ou mapeamentos da comunidade.

Nos workshops, as crianças foram capazes de falar sobre o que significava para elas uma catástrofe e sobre como percebem o risco. Identificaram os riscos que afetam as suas vidas, que incluíram produtos químicos tóxicos, incêndios florestais e rurais, terremotos, ondas de calor, inundações, conflitos e múltiplos riscos associados às más condições dos espaços

³ Isto pode ter ocorrido porque os workshops italianos foram feitos com grupos de jovens informais e não em escolas mistas (www.lancaster.ac.uk/cuidar/en/project-outputs)

escolares ou domésticos. As crianças discutiram e pesquisaram estes perigos, tornando-se mais informadas e confiantes nas etapas subsequentes do CUIDAR. Esta pesquisa começou muito vezes com exercícios de mapeamento, que permitiram que as crianças se apropriassem do seu espaço e identificassem locais positivamente ou negativamente importantes nas suas vidas.



A investigar os riscos químicos, San Celoni, Espanha

Inspirar a operacionalização da Convenção sobre os Direitos da Criança através de exemplos e ferramentas para a participação

O CUIDAR constatou uma falta de familiaridade generalizada com a Convenção sobre os Direitos da Criança (1999), sendo que poucos atores (profissionais, especialistas, professores, até mesmo as próprias crianças) estão cientes dos Direitos nela abrangidos, em particular do direito das crianças à participação, consagrado no Artigo 12º. Por esta razão, a equipa do CUIDAR desenvolveu parcerias com diferentes formadores e organizações especializadas, que têm fortes relações com crianças com necessidades especiais. Constatámos que os especialistas têm mais familiaridade com os direitos das crianças. No entanto, uma vez explorado o direito à participação (Artigo 12º), especificamente com crianças e adultos, abriu-se uma porta para que estes começassem a ver a redução do risco de catástrofe como um assunto importante de preocupação. No Reino Unido, as crianças acharam a ideia de "direitos" muito emancipadora, dando-lhes "autorização" para falar e para se certificar de que foram ouvidas. Começou a ficar claro que o envolvimento das crianças pode melhorar o planeamento de emergência. Desta forma, o Artigo 12º pode fornecer uma base para construir um

referencial centrado na criança, especialmente se forem dados exemplos que demonstrem os benefícios do envolvimento das crianças na redução do risco de catástrofe. A Revisão de Informação, os Diálogos com Crianças e os contributos do nosso Conselho Consultivo internacional ajudaram a fornecer tais exemplos, muitos dos quais vieram de fora da Europa.

Funcionários das autarquias, dos serviços de desportos, lazer e cultura, das escolas e outros atores chave estão bem posicionados para disseminar o Artigo 12º e as formas eficazes de implementá-lo. Acreditamos que as abordagens participativas para o planeamento de emergência e catástrofes beneficiarão de uma maior consciencialização sobre os direitos das crianças, dado que estes promovem o envolvimento democrático com a proteção civil. Os profissionais que trabalham ao nível local ou regional podem usar o Artigo 12º como ponto de partida para a implementação do Referencial CUIDAR e prosseguir usando algumas das ferramentas práticas e recursos desenvolvidos através do projeto.

Acho que deviam dar mais oportunidade aos jovens, porque embora eles pensem que somos imaturos e só vamos dizer barbaridades, é mentira, há muitos jovens com bastante maturidade

(Jovem participante, Portugal)

Nós queremos ser informados sobre como reagir antes, durante e depois do terramoto e precisamos de passar esse conhecimento para outros membros da comunidade surda.

(Jovem participante, Grécia).

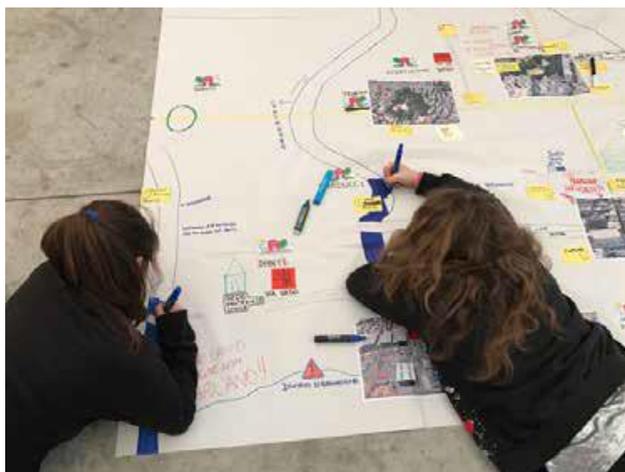
Nós, crianças, lembramo-nos das coisas melhor que do que os adultos!

(Jovem participante, Espanha)

Trabalhar com crianças marginalizadas coloca desafios à participação, dado que muitas internalizaram a sua marginalização e opressão e podem ter dificuldade em sentir-se qualificadas para participar. Através dos Diálogos com Crianças, vimos como as perspetivas das crianças sobre situações de emergência, os riscos e seus impactos revelaram dimensões que estavam ausentes dos planos e práticas orientados para adultos.

Verificámos que:

- As crianças querem aprender mais sobre riscos e emergências, sobre os direitos das crianças e sobre como gerir emoções, tais como o medo e a ansiedade, durante e após as catástrofes.
- Elas querem que os responsáveis pelo planeamento e gestão de emergências peçam a sua opinião, que criem informações sobre situações de emergência amigas das crianças, as divulguem através de sites, anúncios, folhetos e vídeos, e que aumentem as visitas às escolas e aos centros de juventude. As crianças querem que os profissionais de emergência tornem estas informações acessíveis a pessoas com deficiência, quer sejam estas crianças, familiares ou vizinhos.
- As crianças expressam fortemente a vontade de apoiar a sua comunidade, as suas famílias e os seus pares, de ajudar os outros e de tomar medidas para reduzir o risco.



Workshop CUIDAR: fazer o mapa da cidade e dos lugares importantes, Itália

Criar oportunidades para intercâmbio intergeracional e para a partilha de memórias da comunidade sobre catástrofe

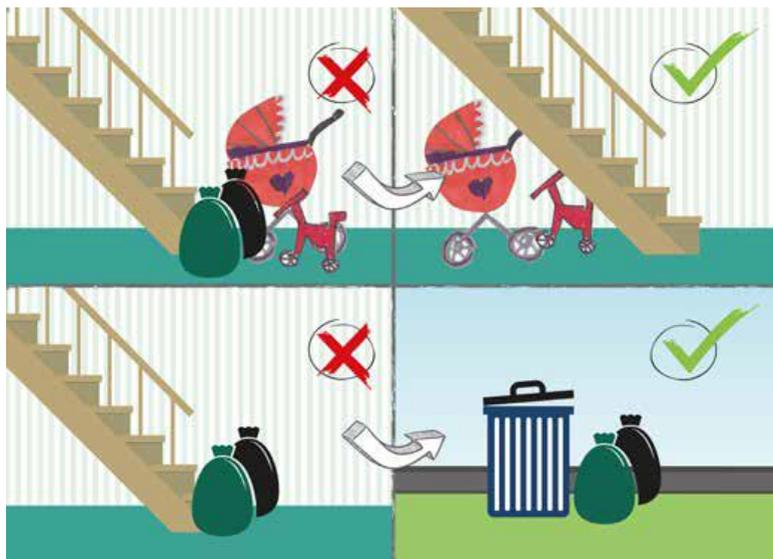
As trocas intergeracionais e a partilha de memórias sobre catástrofes são uma forma gratificante de incentivar a participação, tendo forte ligação com o reconhecimento acima descrito. Estas práticas são também cruciais no

aumento da consciencialização sobre os riscos, especialmente aqueles que são menos frequentes, e para ajudar as crianças a conhecer as suas comunidades, espaços e paisagens. A partilha deste tipo de experiências transmite a sensação de que antes, durante e depois são as fases que compõem a catástrofe como um todo e, como tal, incentivam o pensamento sobre prevenção e resiliência. O intercâmbio intergeracional pode ser a chave para questionar preconceitos como os que veem as crianças e jovens como populações vulneráveis e que necessitam de proteção, ou como geralmente egocêntricos e desinteressados relativamente a outros grupos sociais.

Como mostra o CUIDAR, as crianças têm um forte interesse em conhecer e aprender com outros grupos sociais, uma vez que são altamente conscientes e preocupados com as suas famílias, vizinhos e outros grupos que conhecem e que sabem ter alguma vulnerabilidade. As crianças e jovens demonstraram vontade em ajudar a cuidar das suas comunidades. Assim sendo, um passo-chave na construção do Referencial é facilitar estas trocas intergeracionais e sublinhar a necessidade de acrescentar um "toque" mais comunitário ao planeamento de emergência e à gestão de catástrofes.

Por exemplo, em Concordia, em Itália, os jovens revisitaram as suas memórias do terramoto de Emilia Romagna em 2012, produzindo um vídeo sobre a destruição, a fim de questionar os decisores políticos sobre o processo de reconstrução. Os jovens falaram sobre sentem falta da sua velha escola, do teatro e da igreja. Ainda estavam a frequentar uma escola temporária, que argumentaram ser inferior à antiga; a memória de certos locais era culturalmente importante para eles e sentiram-se postos de parte nas decisões sobre a sua reconstrução.

Outros grupos optaram por mapear a sua área local, com o apoio de duas pessoas idosas da comunidade, através de um "calendário histórico", para entender os tipos de riscos existentes, antes de escolher quais investigar com maior profundidade. Em Gandesa, Espanha, as crianças entrevistaram os seus avós que guardavam na memória a Batalha do Ebro na Guerra Civil, e assim a prevenção de conflitos tornou-se um tema importante. Em Glasgow, na Escócia, jovens que vivem em apartamentos alugados demonstraram-se preocupados com o risco de incêndio, sobretudo no caso de membros da família que não percebiam inglês; por isso prepararam um pequeno livro sobre prevenção de incêndios que comunicava a sua mensagem unicamente através de imagens.



Crianças que trabalharam com o CUIDAR demonstram as medidas de segurança contra incêndio através de desenhos, Glasgow, Reino Unido

Comunicar e explicar os riscos com cuidado e em detalhe às crianças e jovens

Os [Exercícios de Aprendizagem Mútua](#) consistiram em 22 eventos CUIDAR, onde o conhecimento e perspetivas das crianças sobre riscos e perigos, desenvolvidos através dos nossos Diálogos com Crianças, foram partilhados com profissionais e *stakeholders* na gestão de catástrofes. No filme internacional CUIDAR “Transformando o Planeamento de Catástrofes – uma abordagem centrada na criança” pode ver-se que trabalhar em conjunto com, por exemplo, membros da proteção civil, foi muito importante para as crianças e jovens, dado que puderam testemunhar o interesse de ambas as partes.

Ao discutir e procurar encontrar soluções comuns com os *stakeholders*, os jovens perceberam o quanto o processo CUIDAR favoreceu o seu conhecimento sobre a redução do risco de catástrofes e as suas capacidades e competências. Perceberam que muito do que os especialistas, funcionários da proteção civil e outros disseram sobre preparação e mitigação era-lhes familiar e que eles podiam contribuir para os debates com novas informações e perspetivas diferentes.

Constatámos que evitar as reuniões em contextos formais e plenários ajudou a promover a igualdade de género, especialmente porque o objetivo era criar partilha de conhecimentos entre adultos e jovens. Trabalhar em pequenos grupos é importante quando se lida com populações muito diversas e que podem enfrentar barreiras relacionadas com competências linguísticas. Nestes exercícios, concebidos pelo Save the Children UK, foi importante permitir que as crianças escolhessem os seus próprios papéis, ajudando a desenvolver intercâmbios de igual para igual com adultos. A falta de materiais, processos de planeamento e de estratégias de comunicação inclusivos e “amigos” das crianças na gestão de catástrofes foi constatada em quase todos os Exercício de Aprendizagem Mútua. Este foi um exemplo óbvio da necessidade de melhorar a capacidade de as partes interessadas em envolver as crianças nesta área. Como se pode constatar no filme do projeto, os jovens sentiram-se valorizado pelo processo de liderar e organizar estes eventos e foram capazes de interagir com os adultos como pares, discutindo tópicos sobre os quais eles também tinham algum conhecimento ou experiência. Eles gostaram de procurar soluções para um objetivo comum.

Eu gostei desta atividade [fazer um manifesto do workshop] porque os adultos envolvidos foram muito diretos ao falar connosco. Eles não nos trataram apenas como crianças, mas também como especialistas.

(Jovem participante, Itália)

A consciencialização das crianças e jovens sobre seus direitos aumentou e aqueles mostraram maior confiança para participar efetivamente nos processos de tomada de decisão para reduzir os riscos.

As crianças contribuíram com os seus conselhos, por exemplo, sobre quais os métodos e serviços que seriam apropriados para si e para os seus pares, apontando o que poderia funcionar e o que não funcionaria, sugerindo formas de contribuir para a preparação, resposta e construção de resiliência. Estes eventos criaram uma base positiva e igualitária para posteriores colaborações e construção em conjunto, tecendo parcerias com novos "aliados" com grande potencial para fortalecer o trabalho dos profissionais e serviços, bem como a resiliência e consciência dos jovens.



A representar os riscos, Espanha

Construir e apoiar-se em redes de “aliados” de crianças mais diversificadas

A necessidade de mais crianças aprenderem (mais) sobre emergências e riscos em ambiente escolar foi claramente reconhecida pelos participantes em várias localidades. A maioria das crianças não tinha conhecimento prévio sobre as estruturas de planeamento de emergência, resposta e recuperação no seu contexto nacional ou sobre formas de desenvolver políticas para as melhorar.

Apesar de as escolas serem espaços comuns da vida das crianças na Europa e dos parceiros importantes no campo da redução do risco de catástrofe, estas podem também limitar a participação das crianças. As escolas trabalham sob o peso da carga curricular, pressionadas pela falta de tempo e outros recursos e estão, até certo ponto, constringidas por noções pré-concebidas sobre conhecimento e autoridade.

O CUIDAR testemunhou o valor do envolvimento com outros atores educativos e não-educativos. É notório que existem muitos outros atores e organizações relevantes no incentivo e implementação da participação de crianças e jovens: desde instituições culturais às iniciativas de tempos-livres e lazeres, dos conselhos de juventude às associações comunitárias, estas podem outros nós numa rede de construção de resiliência. O CUIDAR recomenda a necessidade e importância de construir e contar com uma rede mais diversificada na educação para o risco de catástrofes, onde as escolas

desempenham um papel importante, mas onde estão também envolvidos outros espaços importantes de educação e inspiração.

Compromissos e outros mecanismos de responsabilização são fundamentais para a avaliação e acompanhamento das mudanças discutidas durante os Exercícios de Aprendizagem Mútua. Onde foram estabelecidos compromissos e formas de responsabilização, as mudanças ocorreram a um ritmo mais rápido e frequente. Novas parcerias começaram a surgir.

As soluções possíveis apresentadas pelas crianças constituem a prova de que estas continuam a ser um recurso valioso e inexplorado para lidar com problemas com que se deparam os *stakeholders*. Por exemplo, quando os *stakeholders* enfrentam desafios na comunicação das suas mensagens e em como conseguir que estas sejam vistas e ouvidas, as crianças e os jovens podem sugerir soluções criativas. Os Exercícios de Aprendizagem Mútua mostraram que as crianças têm a capacidade de entender que a mudança política requer tempo e esforço; e que para muitos decisores políticos e *stakeholders* a abordagem do CUIDAR é inovadora e requer novas formas de trabalho.

Através da realização de [Eventos de Sensibilização e Comunicação](#) a nível nacional, mais parcerias surgiram. Estes eventos constituíram-se como uma série de reuniões “amigas da criança” em cada país parceiro, com o objetivo de comunicar as principais conclusões das etapas de trabalho anteriores aos decisores políticos envolvidos na gestão de catástrofes a nível regional e nacional. Estes eventos foram concebidos pela Universidade Aberta da Catalunha: cada um deles foi organizado no âmbito de uma estratégia mais longa, onde atores-chave, tais como políticos ou meios de comunicação, foram gradualmente sensibilizados, antes e depois do evento, através de diferentes formas de envolvimento. A maioria dos *stakeholders* participantes eram representantes da proteção civil, da gestão de emergências, riscos, resiliência e segurança a nível local, regional e/ou nacional. Outros eram profissionais de resposta (bombeiros, guarda costeira, polícia) e especialistas envolvidos na redução do risco de catástrofe (sismólogos, psicólogos de emergência e especialistas em comunicação).

Houve uma participação significativa de organizações dedicadas à educação sobre riscos (agências ambientais, associações e ONG), além de representantes de serviços educativos e sociais (a nível nacional, regional e local), professores e especialistas em direitos da criança. Como resultado, muitos *stakeholders* comprometeram-se a mudar a maneira como funcionam, por exemplo através da criação de mecanismos para ouvir as

perspetivas e propostas das crianças. Isto é particularmente importante quer para a fase de conceção de planos de emergência, quer quando os adultos vêm a descobrir que têm de falar com as crianças sobre situações de desastre difíceis. Também foi sublinhada a necessidade de melhorar as estratégias de comunicação com crianças e jovens, através do uso de tecnologias de informação e conselhos ou grupos locais de juventude. Em alguns casos, os *stakeholders* afirmaram a sua intenção de implementar algumas ideias específicas desenvolvidas no CUIDAR, tais como desenvolver um plano de emergência escolar ou criar espaços amigos da criança após uma catástrofe.

Os *stakeholders* constataram que, para implementar mudanças, como adotar uma abordagem participativa, precisavam também de encontrar novas formas de colaboração, partilha de conhecimentos, competências e boas práticas, tornando sustentável este tipo de iniciativas. Isso pode implicar a criação de novas redes: entre diferentes sectores e tipos de especialização, entre os envolvidos na redução do risco de catástrofe e as crianças e jovens, mobilizando escolas, atores do sector público e privado e da investigação científica. Por exemplo, alguns dias depois de um dos eventos italianos, o Procurador Regional de Juventude da região de Marche implementou um dos compromissos acordados naquele dia: a assinatura de um acordo entre a sua instituição, o governo regional, os municípios de Marche e o Save the Children, para promover uma cultura de proteção e participação da criança no planeamento de emergência. Esta iniciativa pode agora ser replicada a nível nacional e em outras regiões italianas. Em Espanha, dois dos *stakeholders* envolvidos anunciaram que, após a identificação do problema pelo CUIDAR, o serviço de fogos de Barcelona está a criar uma nova sessão de formação para a sua sala de prevenção especificamente focada nos incêndios florestais (anteriormente apenas abordavam incêndios urbanos). Da mesma forma, em Gandesa, a prevenção de incêndios florestais e as medidas de gestão foram intensificadas, a partir do momento em que as crianças começaram a trabalhar nesse tópico.

Acho que aqui se destacou um aspeto muito importante de trabalho comunitário sobre resiliência, que irei partilhar com os meus colegas, considerando de que forma poderíamos apoiar estas iniciativas.

(Responsável Comunitário de Resiliência, Reino Unido)

Isso fez-me ver de outro ponto de vista como lidar com o planeamento de emergência na nossa instituição.

(Vice-diretor da Proteção Civil, Catalunha, Espanha)

O evento foi uma ótima oportunidade para aprender e enriquecer o nosso conhecimento sobre crianças e crianças com deficiências e refletir sobre o nosso próprio papel na melhoria do seu acesso e participação em atividades relacionadas com questões de redução de risco de catástrofe.

(Profissional de gestão de catástrofes, Grécia)



Cartaz do Evento de Sensibilização e Comunicação na Grécia



Cartaz do Evento de Sensibilização e Comunicação em Portugal

Reconhecer a necessidade de trabalhar com emoções (por exemplo, medo e ansiedade) experienciadas antes, durante e depois de catástrofes com crianças e jovens

Emoções como medo ou ansiedade relacionadas com catástrofes são comuns e reconhecer a sua importância permite que mais jovens e mais velhos estabeleçam uma relação entre si. Em todos os países parceiros ficou claro a

partir do trabalho no CUIDAR que as emoções são cruciais para entender o comportamento das pessoas face às catástrofes, especialmente o medo e a sua gestão.

Este resultado deve ser partilhado com os profissionais de gestão de catástrofes e incorporado na sua formação, prática e formas de comunicação. É ainda necessário abordar este tema nas escolas, dada a sua importância em proporcionar espaços e atividades para o processamento individual e coletivo de sentimentos e emoções.

A gestão de emoções e sentimentos foi um tema que surgiu não só entre crianças e jovens vítimas de catástrofes, mas, também, entre aqueles que querem estar preparados. Através de uma série de atividades, as crianças expressaram os seus sentimentos sobre catástrofes e sobre como é normal ter medo face ao perigo. No entanto, as crianças perceberam e quiseram passar a mensagem que as pessoas podem reduzir seu medo através da "aquisição de conhecimento e tomada de medidas", em conjunto com outros.

Veja-se como grupos de jovens de Sant Celoni e Lorca em Espanha, por exemplo, debatem esta questão no filme internacional do CUIDAR. Aqui ficam algumas recomendações desenvolvidas pelos jovens.

Ajuda para gerir emoções como medo e ansiedade durante uma emergência

Os psicólogos e orientadores devem conversar sobre este assunto nas escolas, de uma forma amigável e interativa com as crianças. Isto pode ser feito através de atividades de role-play, simulações e exercícios, usando exemplos da vida real ou ferramentas de realidade virtual. "Especialistas em risco" devem explicar os passos a seguir para controlar o risco. Em caso de acidente, dê apoio a crianças e jovens através de sessões específicas para lidar com o medo que sentiram; inclua conselhos sobre maneiras de lidar com o medo em caso de emergência, por exemplo nos planos escolares.

Resiliência e cuidado

Crie um grupo de apoio de pares para jovens a ativar em caso de catástrofe; procure aliados ou apoiantes que ajudem a sua voz a ser ouvida; crie novas soluções baseadas em experiências (por exemplo, use experiência direta no planeamento).

O CUIDAR demonstrou a necessidade de mais investigação sobre a relação entre emoção e catástrofes. Isto implica saber:

- Como os medos afetam a "tomada de consciência" das crianças acerca de uma catástrofe;
- Como usar as emoções como um proxy para identificar e mapear dimensões sociais ocultas das catástrofes, tais como exclusão social e vulnerabilidades;
- Como conceber rotinas de preparação e planos de emergência incluindo uma perspectiva emocional;
- Como usar as emoções e afetos para repensar ferramentas pedagógicas e métodos participativos para gestão de catástrofes.

Além disso, dar mais centralidade à emoção no planejamento de emergência também pode ajudar a valorizar o papel frequentemente esquecido e importante dos assistentes sociais, psicólogos e terapeutas na gestão de catástrofes.

Quando se está preparado e se sabe o que fazer para reduzir o risco, uma pessoa fica segura. O conhecimento e a ação salvam vidas.

(Jovem participante, Grécia)

É muito interessante que eles tenham escolhido o tópico da gestão do medo, até porque eu tenho percebido que a população não está preparada:

precisamos de comunicar mais efetivamente porque a forma como nós o estivemos a fazer – através de folhetos - não funciona. (Vice-diretor de

Proteção Civil, Catalunha, Espanha)

A informação que damos aos jovens e às pessoas sobre como gerir o medo tem que ser mais clara e simples, usando metodologias mais ativas (role play, debates participativos...), onde eles podem também dar o seu ponto de vista.

(Psicólogo de Emergência, Espanha)

Reconhecer que as crianças e jovens podem sentir-se vulneráveis em espaços públicos

Se o CUIDAR demonstrou a competência e capacidade das crianças e jovens para contribuir para a gestão de catástrofes e emergências, é necessário reconhecer que os jovens têm vulnerabilidades particulares em caso de catástrofe. Assim o verificámos na Revisão de Informação, onde vários

estudos destacaram as dificuldades em comunicar com a faixa entre os 14 e 18 anos.

Em consulta direta com os jovens, no entanto, aprendemos quão produtivo e estratégico é trabalhar com adolescentes no campo das catástrofes.

Trabalhar com dois grupos diferentes em Espanha, por exemplo, permitiu-nos identificar a falta de medidas de preparação para espaços públicos. Os jovens disseram-nos que umas das suas principais preocupações é o que fazer se uma emergência ocorre quando eles estão em espaços públicos (por exemplo, ruas ou praças). Ou seja, quando estão "sozinhos", isto é, não acompanhados por um adulto, e longe de casa, escola ou de lugares onde eles, ou "alguém", geralmente sabe o que fazer. Eles identificaram áreas não abrangidas pelas rotinas de preparação, mas também questionaram a forma como especialistas e profissionais geralmente abordam esta questão.



Workshops CUIDAR: jovens em Génova, Itália, a fazer um exercício de mapeamento participativo na sua cidade

Como os jovens explicaram, não querem encorajar o excesso de regulamentação dos espaços públicos. Pelo contrário, querem mantê-los como espaços de autonomia, independência e autorregulação. No entanto, o que nos disseram foi que precisam de mais informações sobre o que fazer no caso de uma emergência, para que possam contribuir ativamente para tornar esses espaços públicos mais resilientes.

Os jovens raramente participam na concepção de espaços públicos, que tende a ser um domínio dos adultos. Nos nossos workshops, os participantes foram convidados a pensar seriamente sobre onde moravam; usando desenhos, fotografias aéreas, e modelos 3D, eles elaboraram representações do seu ambiente. Os jovens exploraram a sua área local evidenciando características particulares, tais como lugares onde gostam de se reunir ou lugares que consideram perigosos. Isso tem o efeito de fortalecer o conhecimento espacial das crianças e permitir-lhes depois redesenhar o seu ambiente de acordo com seus próprios interesses e necessidades. Desta forma, as suas competências de observação foram reforçadas e isso sustentou algumas das suas recomendações dirigidas aos responsáveis pelo planeamento de emergência.

Mensagens-chave

Sabemos agora que apoiar o direito das crianças à participação na gestão de catástrofes aumenta a sua resiliência e que isso envolve: trabalhar com as necessidades e competências das crianças; trabalhar os medos e as ansiedades das crianças; e trabalhar de forma intergeracional.

- O projeto CUIDAR fez uma ligação importante entre o aprofundamento dos direitos das crianças e a sua capacitação para a participação
- O CUIDAR associou os direitos das crianças a práticas para melhorar e construir resiliência a catástrofes, tanto para crianças como para a sociedade em geral
- O CUIDAR demonstrou que a educação para o risco (para crianças e adultos) deve ter em conta a diversidade cultural das crianças e dos jovens.

As crianças querem saber sobre risco

As crianças querem saber o que fazer em espaços públicos

As crianças querem desempenhar um papel na construção da resiliência da comunidade

OS DECISORES POLÍTICOS E PROFISSIONAIS DEVEM:

- Reconhecer o direito de as crianças serem incluídas na gestão de catástrofes
- Trabalhar com crianças a nível local, regional e nacional
- Coproduzir planos de gestão de catástrofe centrados na criança
- Promover a educação para o risco

Nota sobre ética

As considerações éticas foram vitais para todo o trabalho realizado durante o projeto CUIDAR. As organizações devem consultar as suas próprias diretrizes, mas também respeitar os pontos abaixo enunciados.

Orientações claras sobre ética e proteção garantem que crianças e jovens podem ser envolvidos com segurança. Isto implica garantir o seu direito a serem ouvidos em segurança. As crianças são valorizadas como contribuindo para o planeamento de emergência e resiliência da comunidade, mas isso deve ser ético e as crianças devem ser protegidas sem colocar em causa os seus direitos e o seu desenvolvimento como cidadãs ativas.

A informação deve ser acessível e clara para as crianças, para os seus pais ou cuidadores e para outras organizações envolvidas em gestão de catástrofes e na redução do risco. Isto implica a criação de formulários de consentimento acessíveis e de formulários específicos para permitir que as imagens sejam gravadas, garantindo que as crianças e jovens conhecem os seus direitos sobre as suas imagens. Um processo claro de proteção de dados para o material gerado deve seguir o Regulamento Geral de Proteção de Dados de 2018 (RGPD).



Referências

Fothergill, A. e Peek, L., (2015). *Children of Katrina*. Austin: University of Texas Press.

Hart, R (1992), *Children's Participation: From Tokenism to Citizenship*, Florence, Italy, UNICEF International Child Development Centre.

Hart R. e Schwab M. (1997) *Children's Rights and the Building of Democracy: A Dialogue on the International Movement for Children's Participation*, *Social Justice*, Vol. 24, No. 3 (69), pp. 177-191

CDC (1989) Convenção sobre os Direitos da Criança, Geneva, Suíça: Office of the United Nations High Commission for Human Rights, https://www.unicef.pt/media/1206/0-convencao_direitos_crianca2004.pdf (acedido em 12.04.2018)

United Nations Office for Disaster Risk Reduction, (2015) Quadro de Sendai para a Redução de Risco de Catástrofes 2015-2030, Geneva, Suíça, www.preventionweb.net/files/43291_sendaiframeworkfordrren.pdf (acedido em 12.04.2018)

Agradecimentos:

Este projeto não teria sido possível sem os contributos inspiradores de todas as crianças e jovens envolvidos. Também gostaríamos de agradecer aos seus pais, cuidadores, escolas, grupos de jovens e outros adultos o seu apoio.

O Consórcio CUIDAR

- Universidade de Lancaster, Reino Unido
- Universidade de Tessália, Grécia
- Universidade de Lisboa, Portugal
- Universidade Aberta da Catalunha, Espanha
- Save the Children UK
- Save the Children Itália

Como citar este relatório: CUIDAR Project (2018), *A Child-Centred Disaster Management Framework for Europe*, Lancaster University, Lancaster, UK



Save the Children



Save the Children

Itália crianas

